

A Casa Portuguesa como representação de Portugal: subversões da escrita da casa em romances portugueses da segunda metade do século XX

The Portuguese House as the representation of Portugal: subversion of the house's writing in portuguese novels published in the second half of twentieth century

Maristela Kirst de Lima Girola

UNISINOS – São Leopoldo – Rio Grande do Sul – Brasil



Resumo: O presente ensaio tem como objetivo tecer e discutir algumas reflexões sobre a construção ficcional do espaço da casa como representação de Portugal. Em romances publicados na segunda metade do século XX, por autores como Agustina Bessa-Luís, Maria Velho da Costa e António Lobo Antunes, podemos perceber subversões na forma de escrever a casa portuguesa. Procuraremos relacionar essas mudanças às transformações sociais e à construção do gênero romanesco.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa; Romance do século XX; Espaço

Abstract: This essay investigates the space of the house and its fictional construction as a representation of Portugal, in novels published in the second half of twentieth century, by writers like Agustina Bessa-Luís, Maria Velho da Costa and António Lobo Antunes. In their novels, it is possible to identify some subversions of the portuguese house's writing. This essay aims to relate these subversions to the social changes and to the novel's genre construction.

Keywords: Portuguese Literature; The Twentieth Century Novel; Space

O presente ensaio tem como objetivo tecer e discutir algumas reflexões sobre a construção ficcional do espaço da casa como representação de Portugal, tendo em vista o que considera Jorge Fernandes da Silveira: “A casa é cenário das questões-chave, ainda hoje, para a relação dos portugueses com a sua própria história, consigo mesmos” (SILVEIRA, 1999, p. 15). Em romances publicados na segunda metade do século XX, por autores como Agustina Bessa-Luís, Maria Velho da Costa e António Lobo Antunes, podemos perceber subversões na forma de escrever a casa portuguesa. Procuraremos relacionar essas mudanças às transformações sociais e à construção do gênero romanesco, tomando para análise três romances: *A Sibila* (1954), *Casas Pardas* (1977) e *Não entres tão depressa nessa noite escura* (2000).

A Sibila (1954), de Agustina Bessa-Luís, destaca-se na produção romanesca do século XX, contribuindo para a revisão da identidade portuguesa. O romance volta-se para o interior do país, invertendo o movimento masculino de busca identitária no mar e nas viagens, isto é, além das fronteiras: “A narrativa percorre um caminho

em direção ao interior, ao seio da terra, onde encontramos um universo feminino” (SCHMIDT, 2000, p. 78).

A Sibila não só retrata os elementos de coerção que regem um universo androcêntrico, mas também rompe com esse espaço, promovendo um deslocamento de centro, ao priorizar e complexificar na narrativa as personagens femininas. Suas heroínas apresentam uma forte ligação com o espaço da casa e com o campo, enfim, com a terra, elemento que marca profundamente as suas identidades.

O enredo passa-se na região rural ao norte de Portugal, onde se localiza a casa da Vessada, propriedade pertencente à família da protagonista, Joaquina Augusta, por mais de dois séculos. Em *A Sibila*, o imaginário forma-se “a partir do espaço privilegiado da casa familiar” (MACHADO, 1979, p. 150), que se transforma, conseqüentemente, em um “espaço profundíssimo, no sentido bachelardiano do termo, nesse sentido em que o imaginário nele se concentra em absoluto desde a infância, e se concentra ao nível de símbolos” (MACHADO, 1979, p. 150-51). Bessa-Luís desenvolve um espaço

feminino em que “todos os objetos simbólicos da vida cotidiana convergem para o grande símbolo que é a casa” (MACHADO, 1979, p. 182).

Mas a grande subversão construída por Bessa-Luís é mostrar a casa e o campo de forma a não corresponder mais a espaços idílicos de uma falsa harmonia entre o homem e a mulher, como acontecia em romances de períodos anteriores, como os de Júlio Dinis, por exemplo, em que o espaço doméstico era idealizado. A “casa”, em *A Sibila*, torna-se espaço de permanente tensão entre o masculino e o feminino. Essa diferença na concepção do espaço da casa reside no caráter de contestação da ordem patriarcal portuguesa que permeia todo o romance.

Em *Casas Pardas* (1977), de Maria Velho da Costa, a importância da “casa” é sugerida já no título e se confirma na própria estrutura do romance, como recurso de construção do seu caráter polifônico pela variação do ponto de vista, com três casas e três heroínas (Elisa, Mary e Elvira). Como explica Cláudia Coutinho: “Alguns dos gestos mais evidentes da polifonia que caracteriza *Casas Pardas* são (...) a articulação alternada dos pontos de vista das três protagonistas que conduzem a óptica de cada ‘casa’” (COUTINHO, 2005, p. 19).

Para Maria Alzira Seixo (1979, p. 90), a variedade de pontos de vista construída por meio da ótica de cada casa não chega a se configurar em novidade romanesca, mas “adquire, pela multiplicidade de processos retóricos utilizados, uma força espetacular e dramática”. O significado do romance pode ser construído pela “simbólica da casa como contendor de desejos de vária ordem, (o desejo do derrame do fluxo verbal, os diversos desejos que ideologicamente marcam as personagens)” (SEIXO, 1979, p. 90). Além disso, “a construção por casas é um dos gestos da construção antropológica em *Casas Pardas*” (GUSMÃO, 1986, p. 21).

As casas no romance constituem-se ainda em “lugares de um espaço individual e familiar, social, histórico e nacional” (GUSMÃO, 1986, p. 20). Mas, como bem recorda Coutinho (2005, p. 35), chamar “‘casas’ aos capítulos pode ser, ainda, uma forma de enfatizar a ideia de que este é o espaço onde as mulheres, em pleno século XX, continuam a passar a maior parte do seu tempo”. Maria Margarida Barahona (1978) entende a *casa* no romance como a “‘marca do lugar de inserção das personagens na História: [ela] é simultaneamente índice do coletivo (feminino, familiar, nacional) e do isolamento (do corpo, do mundo) socialmente imposto às mulheres’”.

Seixo (1999, p. 110) considera que a ficção contemporânea, “nas suas várias tendências e sensibilidades, vai ocupar-se igualmente da figuração, desfiguração e refiguração do doméstico”, citando como exemplo as

obras de Maria Velho da Costa e António Lobo Antunes. De fato, tanto Maria Velho da Costa quanto Lobo Antunes desconstróem, em seus romances, a casa patriarcal (entendida como uma construção discursiva) por meio de uma nova escrita romanesca.

Segundo Ana Paula Ferreira (1999, p. 158), em *Casas Pardas*, por exemplo, a escrita funciona como metáfora para a rejeição de “toda a forma de organização social apoiada na razão linguística falologocêntrica”. Isso significa que as características de inovação estética de *Casas Pardas* refletem a “necessidade de mudar as próprias formas de linguagem que, pela sua estrutura e história, tem estado sujeita a uma lei patriarcal”, além disso, “a ‘ação feminina’ questiona e estimula a capacidade de atuação da linguagem, a sua capacidade de provocar transformações na ideologia e na economia”, como esclarece Ana Gabriela Macedo (MACEDO, 2001, p. 278).

Em *Não entres tão depressa nessa noite escura* (2000), a protagonista e narradora, Maria Clara, é uma jovem deprimida, que se evade do casamento e da maternidade por meio de uma viagem memorialística à sua casa de infância, através da escrita de um diário. O romance privilegia a personagem e sua problemática, o que se descortina para o leitor não é propriamente uma história, mas um espaço ficcional (a casa como casa de escrita) que se confunde com a própria heroína em construção. Segundo Seixo (2008, v. I, p. 147), com o romance *Não entres tão depressa nessa noite escura*, Lobo Antunes inaugura um “modo romanesco novo”, pois adota “agora uma estrutura de *continuum* discursivo que parece entender o romance como uma longa e imparável frase” (SEIXO, 2008, v. I, p. 148).

A casa do Estoril, a casa dos tempos de infância de Maria Clara, construída por seus bisavós, na época da exploração colonial em África, está em ruínas. Com o processo de descolonização, sua família empobrece e se desmembra. As ruínas da casa de Estoril e a dispersão da família de Maria Clara podem funcionar como uma metáfora de um Portugal também em crise, em busca de uma nova identidade e lugar no mundo, sem o esplendor de outrora. Um Portugal que não conta mais com os recursos das chamadas províncias ultramarinas nem com o autoritarismo paternalista de um ditador nem com a euforia da Revolução de Abril. Um Portugal fragmentado que precisa descobrir quem é. Maria Clara, como os portugueses do final do século XX, a viver o pós-74, busca na memória “o brilhar repentino de uma identidade impossível de ser encontrada (...) o deciframento do que somos à luz do que não somos mais” (NORA, 1993, p. 20). De acordo com Carlos Reis (2004, p. 24), a ficção de Lobo Antunes, de uma maneira geral, relata

Um certo ‘Portugal contemporâneo’, exibindo um pessimismo (...) para mais tocado por um sarcasmo cuja agressividade dificilmente encontra paralelo entre nós. O Portugal contemporâneo de Lobo Antunes é, evidentemente, um Portugal pós-revolucionário, envolvendo essa posteridade um juízo de desencanto e de falência (...) é também o acabar de um certo mundo e do seu tempo, nos planos político, social e sobretudo histórico.

Em Lobo Antunes e Maria Velho da Costa, agudiza-se a desconstrução da casa patriarcal que começa a ruir com Agustina Bessa-Luís. As protagonistas do romance agustiniano, Quina e Germa, cada uma à sua maneira, encontram-se às voltas com uma casa que procede do pai. Bessa-Luís não chega a criar uma linguagem radicalmente nova, mas se apropria da tradição da contação de histórias para plantar, dentro da casa portuguesa, a subversão, abalando as velhas estruturas patriarcais.

De Quina a Germa, a identidade feminina definida pela ideologia da domesticidade é subvertida. A casa continuará a ser importante para ambas, não como espaço de isolamento, mas em ligação com o espaço exterior. Não como reduto de uma falsa harmonia doméstica entre o homem e a mulher, mas como espaço de luta, como espaço em que a visão patriarcal de mundo está sendo colocada em discussão. Se em *A Sibila*, a casa chega de alguma maneira “intacta” para Germa, sobrinha e herdeira de Quina, (mas com uma ordem feminina implantada pela tia), a casa de Elisa, heroína de *Casas Pardas*, é abalada por um terremoto (metáfora criada por Maria Velho da Costa para representar as mudanças sociais que viriam a ocorrer a partir da Revolução dos Cravos, em 1974) e a casa de Maria Clara, narradora/escritora de *Não entres tão depressa nessa noite escura*, está arruinada, tornando-se recuperável apenas pela imaginação e pela escrita. A casa romanesca é, portanto, transformada.

Bessa-Luís, em *A Sibila*, mexe na casa, para reconstruí-la sob uma ótica feminina e para abrir as suas portas para o mundo. Essa desconstrução/reconstrução da casa será aprofundada por Maria Velho da Costa em *Casas Pardas*, abalando os alicerces do próprio romance, pela instauração de uma linguagem radicalmente nova e afastada do falocentrismo e pelo desenvolvimento de uma “polifonia espacial” (LOTMAN, 1978) que vem simbolizar a recusa da univocidade do termo “mulher”. Ainda mais profunda será a desconstrução da casa por António Lobo Antunes, em *Não entres tão depressa nessa noite escura*, por meio da quase (con) fusão entre personagem (como subjetividade feminina) e espaço, cabendo ao leitor unir e ressignificar o gênero romanesco como escombros da “casa”.

Referências

- BARAHONA, Maria Margarida. “O peso da escrita” in *Abril-Revista de reflexão socialista*, nº 2, Março, 1978.
- COUTINHO, Ana Cláudia Marques Maurício. *Arquétipos revisitados em Casas Pardas de Maria Velho da Costa*. 2005. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005.
- FERREIRA, Ana Paula. *Casas Pardas*, de Maria Velho da Costa. Uma vinda à escrita” na casa-do-pai. In: SILVEIRA, Jorge Fernandes da (Org.). *Escrever a casa portuguesa*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- GUSMÃO, Manuel. Casas Pardas – a arte da polifonia e o rigor da paixão: uma poética da individuação histórica. In: COSTA, Maria Velho da. *Casas Pardas*. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1986.
- LOTMAN, Iuri. *A estrutura do texto artístico*. Trad. Maria do Carmo Vieira Raposo e Alberto Raposo. Lisboa: Estampa, 1978.
- MACHADO, Álvaro Manuel. *Agustina Bessa-Luís: a vida e a obra*. Lisboa: Arcádia, 1979.
- MACEDO, Ana Gabriela. Os estudos feministas revisitados: finalmente visíveis? In: BUESCU, Helena Carvalhão; DUARTE, João Ferreira; GUSMÃO, Manuel. (Orgs.) *Floresta encantada: novos caminhos da literatura comparada*. Lisboa: Dom Quixote, 2001.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. *Revista Projeto História*, São Paulo: Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n. 10, p. 7, 1993. Tradução autorizada pelo editor, realizada a partir do texto original, in: NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. I. La République. Paris, Gallimard, 1984, p. XVIII-XLII.
- REIS, Carlos. António Lobo Antunes: uma casa de onde se vê o rio. In: Colóquio Internacional António Lobo Antunes, Évora, 2002. *A escrita e o mundo em António Lobo Antunes*: actas do Colóquio Internacional António Lobo Antunes de Évora/Eunice Cabral, Carlos J. F. Jorge e Christine Zurbach (Orgs.). Lisboa: Dom Quixote, 2004.
- SCHMIDT, Simone Pereira. *Gênero e história no romance português: novos sujeitos na cena contemporânea*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- SEIXO, Maria Alzira. (Org.). *Dicionário da obra de António Lobo Antunes*. v. I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.
- SEIXO, Maria Alzira. *Lugares da ficção em José Saramago*. O essencial e outros ensaios. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999.
- SEIXO, Maria Alzira. Maria Velho da Costa- *Casas Pardas*. In: *Colóquio/Letras*, Balanço, n. 47, p. 90-91, jan. 1979.
- SILVEIRA, Jorge Fernando. Casas de Escrita. In: *Escrever a casa portuguesa*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

Recebido: 20 de agosto de 2012
Aprovado: 29 de setembro de 2012
Contato: maristela.klg@gmail.com